IX SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXVII Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 08 de NOVEMBRO de 2024

Tema: "CIÊNCIA, TECNOLOGIA E AMBIENTE: MÚLTIPLOS SABERES E FAZERES"

ISSN 1983-8174

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELAS MULHERES NA OBRA "REDEMOINHO EM DIA QUENTE" DE JARID ARRAES: UM DIÁLOGO COM A GEOGRAFIA FEMINISTA

Mayara Ribeiro da Silva[1], Maria Yasmin Ferreira de Oliveira[2], Alaide Maiara Lopes Gonçalves[3], Glauco Vieira Fernandes[4]

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma análise da obra literária "Redemoinho em Dia Quente" (2019) da juazeirense Jarid Arraes, e foca na produção do espaço pelas mulheres sob o viés da Geografia Feminista. Através de contos como Moto de Mulher, Boca do Povo e Corte no Braço, a autora retrata as experiências de mulheres nordestinas que enfrentam desafios como a violência, a opressão e as normas patriarcais. As personagens lutam por autonomia e espaço em um contexto que muitas vezes limita suas ações e sonhos. A obra e a Geografia Feminista ressaltam a importância de dar voz a essas mulheres e de refletir sobre suas vivências, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero e das identidades femininas na sociedade contemporânea. A metodologia inclui revisão bibliográfica e análise literária, explorando como as personagens interagem com o espaço. Resultados parciais sugerem que elas reconfiguram o espaço como um campo de resistência, desafiando limites impostos e expondo o caráter opressor de tais normas. Assim, a obra de Arraes contribui para desvelar novas perspectivas sobre o espaço, a identidade e o papel transformador da literatura.

Palavras-chave: Geografia literária. Geografia Feminista. Juazeiro do Norte. Jarid Arraes.

1. Introdução

A obra literária "Redemoinho em Dia Quente" da autora Jarid Arraes, apresenta aos leitores uma coletânea de contos protagonizados por mulheres nordestinas, oferecendo uma perspectiva íntima e rica das complexidades que permeiam seu cotidiano. Essas histórias encontram-se ambientadas na cidade de Juazeiro do Norte, sul do estado do Ceará, revelando não apenas as experiências das protagonistas em suas interações sociais, mas também como essas vivências estão fortemente conectadas ao ambiente urbano e rural dessa cidade, que é um importante centro comercial e religioso da região do Cariri.

Nesse sentido, essa narrativa busca discutir temas como a opressão de gênero, a busca por independência e a formação da identidade feminina em um cenário que frequentemente marginaliza e silencia as vozes dessas mulheres. Nos contos de Arraes, as personagens lidam principalmente com as expectativas

1 Universidade Regional do Cariri, email: mayara.ribeiro09@urca.br
2 Universidade Regional do Cariri, email: maria.yasmin@urca.br
3 Universidade Regional do Cariri, email: alaide.maiara@urca.br
4 Universidade Regional do Cariri, email: glauco.vieira@urca,br

ISSN 1983-8174

sociais relacionadas à feminilidade, e sobre o lugar que elas ocupam na sociedade, assim estabelecendo um importante diálogo com a Geografia Feminista. Este ramo contemporâneo da geografia tem como foco principal a experiência e emancipação das mulheres nessa sociedade patriarcal. Conforme destaca Reis (2015, p.13) "a emancipação da mulher [...] deve se dar no seio da classe trabalhadora, pois somente dessa forma pode se alcançar o poder político e o fim de todas as opressões e discriminações". Ou seja, para que as mulheres possam reivindicar os seus direitos e reconfigurar suas relações com o espaço, é essencial reconhecer o papel das classes sociais e das lutas coletivas.

Diante disso, é possível perceber que a Geografia Feminista busca fazer uma nova interpretação do espaço geográfico, evidenciando que é um resultado social, moldado por práticas, relações de poder e também pelas desigualdades de gênero (Silva, 2010, p. 41). Desse modo, ao incorporar o conceito de gênero como um elemento analítico, essa vertente possibilita entender como as mulheres representada na obra da Jarid Arraes, através de suas ações diárias, modificam e criam o ambiente em que vivem e como são afetadas pelas relações de poder existentes em Juazeiro do Norte.

Por meio de uma análise crítica dos contos, podemos compreender como as vivências femininas são formadas pelas interações com o ambiente e como as mulheres, em suas batalhas cotidianas, redefinem as relações de gênero e poder na sociedade. Esta investigação não só agrega valor ao campo literário, mas também serve ao propósito de ampliar a discussão entre geografia e os estudos de gênero da Geografia Feminista, destacando a relevância de uma perspectiva interseccional que leve em conta raça, classe e gênero para entender as vivências espaciais das mulheres. Portanto, o trabalho de Jarid Arraes funciona como uma "janela" através da qual poderemos observar e questionar as dinâmicas sociais e espaciais que estão presentes na vida das mulheres do Nordeste.

2. Objetivo

Analisar como a produção do espaço pelas mulheres é representado na obra "Redemoinho Em dia Quente" de Jarid Arraes, alinhando essa discussão ás teorias da Geografia Feminista.

3. Metodologia

A metodologia desenvolvida para presente trabalho é de natureza qualitativa e se dá a partir de uma abordagem bibliográfica, com o levantamento e a leitura de textos sobre a vertente da Geografia Feminista. Assim, concentrando-se em autoras que abordam as relações de gênero, as vivências femininas e as dinâmicas sociais e espaciais. Além disso, será realizada a leitura e análise minuciosa dos contos presentes na obra de Jarid Arraes, que por sua vez, possibilitará elencar os trechos que ilustram a ocupação e a modificação do espaço por parte das mulheres. O estudo procurará estabelecer um diálogo entre as teorias feministas e as narrativas literárias, destacando como as vivências das

ISSN 1983-8174

personagens espelham e desafiam as regras sociais, auxiliando na compreensão crítica das questões de gênero e espaço da realidade.

4. Resultados

O primeiro conto da obra "Redemoinho em Dia Quente", intitulado de Sacola, narra a história de uma mulher idosa e extremamente religiosa, como muitos na cidade de Juazeiro do Norte, uma devota fiel do Padre Cícero e que se encontra inesperadamente envolvida em uma situação de perigo ao pegar por engano uma sacola que acredita conter drogas. Esse conto ilustra a complexidade das experiências femininas no espaço público, abordando como classe, idade e gênero moldam as interações no espaço social. Essa experiência vivenciada pela dona Francisca pode ser analisada à luz da interseccionalidade, um conceito abordado por Joseli Maria Silva como essencial para entender a produção do espaço pelas mulheres: "A interseccionalidade proposta por Valentine (2007) é abordada como um caminho de análise que possibilita a abordagem da complexidade, envolvendo identidades em permanente processo de redefinição" (Silva, 2010, p. 49). Nesse sentido, o conto nos revela como a vida dessa mulher, é marcada pela interseção entre a sua identidade de gênero, idade e sua relação com o espaço religioso, bem como as tensões que surgem quando ela atravessa outros espaços (como a praça ou o mercado).

Não obstante, a Geografia Feminista enfatiza que "o espaço geográfico é produzido pelo trabalho realizado por homens e mulheres coletivamente" (Reis, 2015, p. 21), ressaltando como a presença da mulher em um espaço público transforma a dinâmica social e desafia o patriarcado. No conto Moto de Mulher, a protagonista desafia as normas de gênero ao comprar a sua primeira moto e se tornar mototaxista, um espaço que é tradicionalmente masculino. Ela declara em certo ponto que: "A moto não é só um meio de transporte, é a minha liberdade. Não preciso mais esperar alguém me levar para lugar nenhum" (Arraes, 2019, p. 23). Assim, essa afirmação simboliza não apenas a busca por autonomia, mas também a subversão de um espaço que, por muito tempo, foi reservado somente aos homens. Além disso, durante essa narrativa, a personagem passa por uma série de preconceitos por parte dos homens dessa profissão e da sociedade de um modo geral, que quase sempre volta a opinar para a personagem que uma Honda Biz que é "moto de mulher" por ser menor e mais fácil para se locomover, diferente da que ela sonhava em comprar e que finalmente conseguiu.

Jarid Arraes também abre espaço em sua narrativa para discutir sobre a violência doméstica. Na história Corte no Braço temos uma ilustração dessa situação e as diversas consequências físicas e emocionais que ela provoca nas mulheres, além de mostrar o quanto é difícil reconhecer e sair de um ambiente violento, opressor e machista. A personagem principal destaca a certa altura da narrativa a seguinte frase: "O amor que machuca também é amor. Eu aprendi a

ISSN 1983-8174

viver com as cicatrizes." (Arraes, 2019, p. 105). Esse trecho representa uma triste realidade quando se discute sobre esse assunto, que é o fato da grande parte das mulheres em não reconhecer que estão em um relacionamento abusivo, e portanto, se acostumarem a vivenciar essas agressões. Assim como destaca Reis "a opressão sobre as mulheres está em uma dimensão ampla ao englobar toda a sociedade" (Reis, 2015, p. 13), evidenciando que a violência doméstica é uma manifestação dessa opressão que se reflete nas dinâmicas espaciais.

Outro conto analisado sob essa visão feminista foi Mãe e Filha, onde o leitor é apresentado a Mariana, e convidado a refletir sobre a transmissão das normas de gênero de uma geração para outra: "Minha mãe sempre dizia que lugar de mulher é em casa. Mas eu queria mais." (Arraes, 2019, p. 131). Essa passagem do texto demonstra a resistência à ideia de que as mulheres devem ocupar apenas espaços domésticos. Em relação a essa ideia patriarcal do papel da mulher, Reis (2015, p. 24) aponta que "o gênero como construção social tem importantes variações territoriais", sugerindo, portanto, que as experiências das mulheres estão ligadas ao contexto em que vivem. O conto evidencia como a luta pela emancipação feminina é também uma construção social e histórica.

Por fim, na história Boca do Povo, Jarid Arraes explora a vigilância social em espaços públicos, onde as ações das mulheres são frequentemente julgadas. A personagem que narra esse conto, ao frequentar um bar, é confrontada pelas normas de gênero que delimitam o que é socialmente aceitável ou não para uma mulher. Ela observa: "A praça é um lugar de encontro e também de julgamento. Uma mulher não pode beber sozinha" (Arraes, 2019, p. 27). Essa afirmação mostra a pressão que as mulheres sentem para se conformar a comportamentos tradicionais, refletindo a cultura que muitas vezes marginaliza suas experiências e liberdades.

5. Conclusão

Diante do exposto, fica evidente que a obra literária "Redemoinho em Dia Quente", da escritora Jarid Arraes, retrata de forma muito intensa a produção do espaço geográfico pelas mulheres de Juazeiro do Norte – CE, ressaltando suas vivências cotidianas e obstáculos de uma vida no interior do Nordeste. Por meio de personagens como Mariana, Arraes expõe como as normas de gênero influenciam a experiência das mulheres na sociedade, enquanto elas se tornam participantes ativas na transformação desses espaços em busca da independência e emancipação dessas amarras patriarcais.

Ademais, sob o ponto de vista da Geografia Feminista, os contos realçam que esse espaço não é meramente um cenário, mas também um lugar de luta e resistência. A análise realizada enfatiza que as mulheres, ao ocupar e modificar os locais em que estão inseridas, contestam as estruturas machistas da sociedade e reafirmam suas identidades, auxiliando na compreensão mais abrangente das dinâmicas de gênero e poder na sociedade atual.

ISSN 1983-8174

6. Agradecimentos

Agradeço ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Espaço Urbano e Cultura (LEPEUC) e ao grupo de estudos Imago pelo apoio e pelas valiosas contribuições que enriqueceram este trabalho, proporcionando um ambiente de pesquisa colaborativo. Expresso também minha gratidão aos colegas pesquisadores, cujo incentivo e compartilhamento de conhecimentos foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

7. Referências

ARRAES, Jarid. Redemoinho em dia quente. São Paulo: Alfaguara, 2019.

REIS, Maíra Lopes. Estudos de Gênero na Geografia: Uma Análise Feminista da Produção do Espaço. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 38, p. 11-34, jul./dez. 2015.

SILVA, Joseli Maria. Geografia feminista, gênero e sexualidade. Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n. 27, p. 39-55, jan./jun. 2010.